

A Importância da Filosofia no Ensino da Educação de Jovens e Adultos

Maria Caroline Belfante

Como citar: BELFANTE, Maria Caroline. A Importância da Filosofia no Ensino da Educação de Jovens e Adultos. *In:* MIGUEL, José Carlos; BERSI, Rodrigo Martins (org.). **Educação de Jovens, Adultos e Idosos: marcos conceituais, práticas e políticas.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023. p. 163-180.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2023.978-65-5954-389-2.p163-180>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A Importância da Filosofia no Ensino da Educação de Jovens e Adultos

Maria Caroline Belfante¹

Introdução

Este trabalho tem como objetivo geral explorar a importância do ensino de filosofia para os alunos da EJA. Como objetivos específicos, buscamos analisar como o ensino de filosofia pode contribuir para gerar o pensamento crítico e sua importância no exercício da cidadania de forma a propiciar o desenvolvimento de valores democráticos, na política, na luta pelos direitos e no desenvolvimento cultural.

Para que serve a filosofia? Esta, sem dúvida, é uma das questões mais ouvidas por todos aqueles que se envolvem com ela. Há os que dizem que a filosofia é a mãe de todas as ciências, a criadora de questões; por outro lado é possível também ouvir que ela é a área dos conceitos; tem os que afirmam que ela serve para problematizar e outros, que ela veio para pensar soluções e respostas. Segundo Deleuze:

1 Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp, Câmpus de Marília. Professora da Rede Pública de Educação Básica do Estado de São Paulo.

Quando alguém pergunta para que serve a filosofia, a resposta deve ser agressiva, visto que a pergunta pretende-se irônica e mordaz. A filosofia não serve a nenhum poder estabelecido. A filosofia serve para entristecer. Uma filosofia que não entristece a ninguém e não contraria ninguém, não é uma filosofia. A filosofia serve para prejudicar a tolice, faz da tolice algo de vergonhoso. Não tem outra serventia a não ser a seguinte: denunciar a baixeza do pensamento sob todas as suas formas (...) (DELEUZE, 1976, p. 87).

Não faltam visões acerca do que é a filosofia e qual a sua utilidade. Mas afinal, como colocar tamanho pensamento abstrato na realidade das pessoas? Ainda mais quando se trata da educação de jovens e adultos, é importante ter em mente que se tratam de alunos com uma marcada e notória dificuldade de acesso às coisas mais básicas da sociedade. A dificuldade financeira é a primeira a ocupar nossa mente e, junto com ela, vem desde a dificuldade de ter uma alimentação equilibrada, assistência médica e odontológica, etc, até o acesso à educação na idade própria. Elas provêm de uma marginalização social e política quanto ao cumprimento pelo governo de uma de suas funções mais básicas relativamente à população.

Tamanha dificuldade ao acesso ampliou-se ainda mais nos últimos anos com a pandemia, a crise econômica e a conjuntura política que o país está vivendo. Os alunos ficaram em boa parte do tempo pandêmico com aulas online ou híbridas, o que causou inúmeras defasagens no aprendizado, na escrita e no desenvolvimento social dos mesmos. Muitos alunos da rede pública não tinham fácil acesso às aulas *on line* ofertadas pelo aplicativo do governo estadual,

seja por não terem aparelhos tecnológicos em casa, ou quando tinham, o acesso à internet era precário ou ainda, por vezes, havia um único aparelho para dividir com os vários membros da família.

Se para os alunos dos ensinos fundamental e médio já foi um desafio aprender online na pandemia, considerando-se a relativa facilidade que os jovens têm para utilizar a tecnologia, os alunos da EJA tiveram mais esta dificuldade a enfrentar. Muitos não pertencem à geração que cresceu imersa na tecnologia e por isso apresentam certa dificuldade e estranheza com a mesma. Outro agravante a ser considerado é que há os que não são completamente alfabetizados ainda. Junto com esta situação, vem a vergonha que os acompanham durante a vida, um sentimento de inferioridade por estarem à margem de algo tão simples como compreender, por exemplo, o preço de um produto no mercado, não saber qual fila usar para pagar uma conta, não poder ler uma notícia no jornal ou uma receita culinária. São pessoas que vivem à margem da educação, um direito público subjetivo garantido pela Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Brasil, 1996), no Art. 5º.

Porém, a mesma lei que parece querer defender de um lado o desenvolvimento educacional humano, prejudica a oferta da filosofia como disciplina obrigatória, essencial na evolução de importantes aspectos críticos e culturais nos alunos. Na Lei 9.394 de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, consta no Art. 35, §2, que “a Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia” redação dada pela lei nº 13.415, de 2017. Porém, no Art. 36, inciso IV, foi revogada a seguinte lei “serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em

todas as séries do ensino médio”. Também se encontra revogado o inciso III, do 1º parágrafo do Art. 36 que tem a seguinte redação: “domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania”. A filosofia não é interessante para aqueles que querem manipular as pessoas, que são desonestos, falaciosos, com discursos autoritários e preconceituosos. Ela é perigosa, pois protege o povo dos que governam mal.

Problematizar todas essas situações e procurar os porquês delas é a tarefa da filosofia na vida desses alunos. A filosofia faz-se importante na medida em que torna o sujeito capaz de pensar de forma crítica sobre sua realidade e enxergar as possibilidades de mudança. Conhecer algo é o primeiro passo para poder mudá-lo. A filosofia dá armas para que o homem não se sinta isolado e ingênuo diante do mundo.

Desse modo, a metodologia adotada neste trabalho será a de pesquisa bibliográfica e de análise documental, destacando-se os elementos teóricos e legais a estabelecer e justificar o papel do ensino de Filosofia nos programas de ensino da EJA.

A importância da filosofia na educação de jovens e adultos (EJA)

A filosofia é importante para que o indivíduo desenvolva o pensamento crítico, a capacidade de julgar de forma consistente e elaborada, não sendo facilmente convencido por discursos falaciosos. Aquele que desenvolve o pensamento crítico é capaz de “ter a pulga atrás da orelha” para notícias duvidosas, opiniões, forma-se no sujeito parâmetros de julgamento para que ele tenha autonomia de formar sua própria visão de mundo de forma fundamentada e não superficial.

A filosofia transforma o pensamento ingênuo em um pensar elaborado, consistente, autônomo.

Ela é perigosa para aqueles que querem governar na mentira, enganando e enfraquecendo o povo, por isso é tão desencorajada em muitos governos. Quando não é retirada da obrigatoriedade do ensino, é reduzida a uma carga mínima de uma ou duas aulas por semana e apenas no ensino médio, para ensinar a história de um pensamento que tem mais de três mil anos. Eles vendem o discurso de que é preciso ter homens que tenham conhecimentos para o trabalho, e claro que isto é importante, mas o ensino não pode se resumir a isso.

O ensino técnico voltado para a rápida inserção no mercado de trabalho é ótimo sob o ponto de vista econômico, tanto para o trabalhador quanto para a empresa. Porém, sob o ponto de vista social e cultural, esse tipo de ensino deixa a desejar, pois como é um curso de curta duração, é bem focado e voltado para a parte prática. O ensino técnico pode ser uma boa forma de auxiliar a formar pessoas de forma rápida e objetiva, porém é necessário que a pessoa tenha uma sólida e prévia formação artística, histórica e crítica. Tais elementos são essenciais para a formação de um indivíduo consciente e crítico; eles oferecem um olhar diferenciado para questões humanas e sociais. O ensino de filosofia auxiliará justamente na criação desta base tão importante.

A exemplo da importância do pensamento crítico mesmo em questões que envolvam “apenas um trabalho técnico”, podemos citar o caso da sociedade alemã que era extremamente evoluída sob o ponto de vista educacional técnico, mas que culminou em um sistema nazifascista. No contexto deste modo de pensar, o aprendizado

meramente racional e técnico não é capaz de tornar o sujeito consciente de suas ações e de seu impacto no mundo:

O olhar exclusivamente técnico sobre a realidade, que se contenta com a simples mobilização dos mecanismos intelectuais, sem que a estes seja inerente a atividade de confrontação dos dados empíricos com os potenciais de liberdade, corresponde ao exercício de uma racionalidade subjetiva, que se restringe ao tratamento instrumental e coisificado da realidade. (...) A ciência que se desenvolve nos moldes positivistas, caracterizada pelo domínio patriarcal da natureza, pela produtividade cega e pela ausência de autorreflexão, é tão patologicamente comprometida, quanto a mentalidade fascista em suas opiniões doentias (BUENO, 2021, p. 40).

A educação filosófica, neste sentido, é capaz de levar a refletir, conscientizar também politicamente, visando uma sociedade livre de totalitarismos, fascismo e extremismos. Pensar é trabalhoso, é difícil e ainda, segundo a visão do senso comum, não traz resultados à vida prática, muito menos benefícios, cria-se uma ideia de que o pensamento pode até mesmo ser ruim. Pessoas questionadoras e críticas podem ser vistas como “chatas”, “complicadas”, a sociedade não aprendeu a valorizar o pensamento e sua real importância. É importante quebrar tais preconceitos, superar a reprodução de pensamentos prontos de forma automática, sair de um estado de preguiça mental no qual todos estão sujeitos se não se esforçarem na direção contrária.

Historicamente, o Brasil é um país colônia, marcado pela exploração e que ainda tem como marco de desenvolvimento a exploração direta ou indireta de recursos naturais e similares, como a criação de gado e agricultura. Estas são atividades importantes e essenciais, porém o objetivo aqui é salientar o quanto o país pode perder por não investir em tecnologia e em estudos científicos e humanísticos, podendo ter outras grandes fontes financeiras, que não provenham exclusivamente de fontes naturais. A filosofia pode ajudar a refletir sobre questões ambientais, sobre agricultura responsável, um uso consciente dos recursos naturais, de modo a prevenir a escassez e malefícios com outras vidas e com o ecossistema.

Podemos compreender a educação como uma parte essencial da cultura. Um erro comum é, ao educar, buscar deixar o máximo possível, a cultura enquanto conjunto de saberes e manifestações simbólicas, literárias, filosóficas e artísticas de lado. É preciso deixar de lado uma mentalidade simplista de que educar é saber fazer contas, ler e escrever. É claro que tais elementos são indispensáveis, mas eles precisam ser vistos de forma a articular outras disciplinas e aprendizados para superar concepções educativas limitantes. Pode-se treinar a leitura com textos históricos, pode-se aprender formas geométricas analisando pinturas, treinar cálculo estudando geografia e assim por diante. A cultura extrapola aquilo que é estudado na escola, pois é viva, múltipla, complexa e mutante. Mas é na escola que o aluno aprende que existe muito mais do que ele imaginava e neste ponto a filosofia faz-se fundamental, pois ela é a disciplina responsável por ir além através do pensamento, em cultivar um solo fértil mental para dar à luz a ideias, a novas formas de conceber, de rever, de julgar de forma equilibrada e mais justa possível. De fato:

Pois a cultura é a possibilidade de unificação entre a *ação* (logo, o puro domínio das relações sociais) e a *representação*, de tal sorte que tanto padrões culturais quanto as suas instituições não são nem atuam como valores “sobre”, *a posteriori*, mas, ao contrário, como esquemas simbólicos que ordenam a ação social, tornando-a possível, recobrando-a de significados, fazendo-a compreensível e, portanto, comunicável. Se a esfera da ideologia está no que tipos determinados de homens pensam sobre o que fazem e o que são, a dimensão da cultura está nos sistemas ativos de codificações e significados que os fazem fazer o que fazem e serem o que são. Está ainda no que dinamicamente torna socialmente ativo e simbolicamente significativo um *modo de vida* de uma classe social (BRANDÃO, 1986, p. 101, grifos do autor).

Assim, o desenvolvimento da cultura também é uma redescoberta dos valores locais, da cultura do lugar em que a escola se encontra (COSTA; ARAÚJO, 2016, p. 4). A valorização e reconhecimento da importância dos costumes e tradições faz parte da conscientização que a filosofia pode ajudar a proporcionar. Pois, é reconhecida a importância de conhecer e ampliar o leque cultural, mas é de extrema relevância reafirmar a identidade cultural sua e de seu povo, como marco simbólico que aquela população deixa no mundo.

É importante destacar que a filosofia não se resume ao uso da razão e da lógica, assim como uma ciência. Ela não é uma ciência, ela está para além, é mais ampla, tanto que é possível fazer filosofia das mais diversas coisas, como a filosofia da arte, a filosofia da ciência,

filosofia da informação, filosofia da mente etc. Ela pode trabalhar temas como a música, a beleza, o amor, a fé, sua rigorosidade é com a verdade e não com a metodologia científica. Ela possui seus próprios métodos na busca da verdade, não se sujeita a uma área restrita do pensamento, tanto que pode ser considerada como a mãe de todas as ciências.

A escola deve ser o lugar de formação completa do estudante, independentemente de sua idade. Se na escola, os estudantes não aprenderem sobre classes sociais, história, a pensar, julgar com criticidade, ética e moral, onde mais eles teriam acesso a isso? Tudo isso faz parte do desenvolvimento cultural do homem, pois de que forma ele compreenderá a importância de um quadro, de uma obra de arte se ele não entender a verdadeira história por trás dele? Que parâmetros o estudante terá para compreender e julgar um filme, um livro, um acontecimento mostrado no jornal? O motivo de guerras, da alta nos preços, os responsáveis e causadores de crises, e até mesmo, a validade de vacinas?

A cultura, ao contrário do que muitos pensam, não é somente aquilo que temos acesso quando vamos ao museu, à biblioteca ler um clássico, ou vemos um filme de Almodóvar. Ela se encontra também em nosso cotidiano, na capacidade de compreender e julgar a sua complexidade. No âmbito da cultura, a filosofia faz-se importante porque ajuda o discente a ter uma compreensão mais ampla das organizações sociais, da arte, dos costumes e como tudo isso se relaciona e influencia.

A democracia é o governo do povo, onde todos devem ser ouvidos e terem seus direitos respeitados, além de acesso as mesmas oportunidades. É preciso criar sujeitos conscientes e autônomos para

que possam construir uma sociedade saudável e mantendo os direitos, deveres e ideais democráticos. Não podemos pensar em uma democracia onde somente alguns tenham seus direitos garantidos. Porém, sabemos que a realidade é diferente do ideal e estes alunos da EJA demonstram parte desta realidade. É preciso que haja políticas públicas que visem diminuir gritantes diferenças sociais. É preciso garantir um mínimo às pessoas, como alimentação, moradia, saúde, para que assim elas possam se dedicar à educação, que apesar de essencial, é secundária, para alguém que tem de lutar pelo mínimo diariamente. A própria pobreza e necessidade dos homens, os colocam numa situação em que eles precisam se curvar às demandas do mercado de trabalho para sobreviver. As jornadas e as condições de trabalho parecem ser feitas para que não sobre tempo para pensar no mundo ao seu redor e pessoas que não pensam acabam se tornando passivas diante do sistema. É um ciclo vicioso no qual ele garante sua constante manutenção.

O exercício democrático consiste em ouvir aquilo que o outro tem a dizer, a partir do momento em que os que estão no poder ignoram as necessidades mais básicas do povo, passamos a não ter mais uma democracia. Na pandemia, as ofertas de superação das dificuldades provindas do ensino *on line*, pareciam não ser suficientes em relação ao tamanho do desafio. Os níveis de desemprego subiram muito, como pensar em educação, como ter paz para aprender e refletir, quando a família se encontra em crise e quando não há certezas sobre o amanhã? Além dos danos psicológicos que a pandemia causou como um todo. Com a pandemia caminhando para o fim, somente o vírus preocupa menos, pois a crise política e econômica continua, o país caminha a passos lentos.

É preciso políticas públicas para garantir um mínimo a população carente, investimentos na criação de empregos, trabalhar para diminuir a inflação, porque tudo isso influencia no jovem e no adulto que frequentam o EJA. Uma boa perspectiva de futuro vai além de um apelo motivacional para os estudos; é necessário criar condições para que estes jovens possam aprender, tenham tempo e paz mental para se desenvolver. É preciso educar, garantindo meios para tal e é preciso dar esperança, criar oportunidades.

A escola também precisa estar preparada para lidar com os jovens e adultos. Tem de assumir uma postura diferente daquela com a qual se tem com os alunos do ensino fundamental e médio. É preciso respeitar a história de vida de cada um e a partir dela buscar a construção do conhecimento, significando. A falta do professor poder pensar sobre tudo isso também se relaciona com a falta do ócio necessário em qualquer profissão, como um meio de repensar sua postura e pensar um novo modo de ser, num ciclo de constante desconstrução e reconstrução constante de si, natural do desenvolvimento filosófico e artístico do homem.

Os alunos da EJA não devem ser infantilizados no momento educacional, não é porque eles não compreendem a escrita e a leitura que eles possuem o mesmo nível de desenvolvimento mental de uma criança. É preciso tratá-los como os adultos, respeitar sua idade, respeitar sua história de vida e quem ele é. Assim como precisa ser feito com as crianças, deve-se ainda mais ser levado em conta as particularidades do adulto.

É importante ter um material diferenciado para eles, com exemplos e um funcionamento próprio voltado para este público. Infelizmente, não é tão fácil o acesso à materiais específicos, o que faz

com que muitas vezes os professores tenham que adaptar o material. Porém ressalto, que essa adaptação se faz extremamente importante, pois ele se torna uma forma de acolhimento dessas pessoas que são mais vulneráveis em nossa sociedade. Ouvir também é um gesto de amor, compreender os anseios, os desejos, os sonhos, é muito importante até mesmo para que o professor possa ajudá-los e incentivá-los na conquista.

O professor de filosofia os ajudará a superar certos preconceitos internos e pessoais que muitos podem ter ao pensar que não há esperanças para pessoas “atrasadas”, muitos sentem-se inferiores, acham-se menos capazes, quando na verdade, muitas vezes eles são vítimas de um sistema que os oprimiu de uma forma que antes não tiveram forças e ou condições para lutar por seu estudo. A filosofia destrói preconceitos, ideias infundadas, mitos maléficos, mas também permite a construção de um novo ser. A exemplo poderíamos citar inúmeras filosofias, todas elas são conhecidas por direta ou indiretamente possuírem um pé na dialética, na medida em que você tem duas coisas distintas e a partir delas dá à luz a uma terceira completamente nova. Há sempre a quebra com antigos preceitos e a superação destes colocando novos no lugar.

As diferentes filosofias presentes na história do pensamento ajudarão a ampliar a forma de encarar o mundo, serão apresentadas ideias que muitas vezes eles nem sequer imaginaram, como ocorre com qualquer pessoa ao iniciar na filosofia. A exemplo de uma, dentre as várias teorias filosóficas que podem ser usadas como uma potência positiva de vida, é a de Nietzsche. É um filósofo que sempre defendeu a vida como potência máxima, que deve ser amada e afirmada, incentiva a constante criação, descobrimento e superação de si como

forma de atingir uma elevação do homem (Nietzsche, 2011). Aristóteles (1991), escreve interessantíssimas reflexões sobre o que é a felicidade e o que é necessário para alcançá-la. Sartre (1987) reflete bastante sobre a questão da liberdade e da responsabilidade humana perante o mundo. O importante é que dentro da filosofia há uma pluralidade de pensamento tão grande, que é capaz de abranger as mais diversas concepções de mundo e até mesmo de transformá-las e ultrapassá-las.

Ao ensinar filosofia fora da academia, é importante mostrar a aplicabilidade de determinado pensamento filosófico para que não fique muito abstrato para aqueles que ainda não estão acostumados com uma densa carga teórica. É importante ensinar compreender o significado do pensamento por meio de exemplos práticos cotidianos que os façam entender que a filosofia é algo que está constantemente presente na vida deles, e não algo difícil e distante que está apenas nos livros e na academia.

Nesta pandemia pudemos enxergar o grau de obscurantismo e ignorância na qual grande parte da população está inserida. As *fake news* dispersaram-se com grande facilidade por meios eletrônicos, através de mensagens, vídeos, fotos criadas ou manipuladas para confundir a população e como um rebanho, encaminhá-la para onde era de desejo. As pessoas escolhem em quem acreditar não através de critérios racionais e éticos, mas sim através da identificação com aquele que anuncia a mensagem:

Desse modo, a busca e seleção de informações na internet, por exemplo, passa a se pautar por critérios de afetividade e identidade com o emissor, por conseguinte a confiança e admiração pessoal nesta figura passam a ser mais

importantes para o reconhecimento daquele conteúdo como verdade do que uma reflexão lógica e crítica a respeito do mesmo (GUIMARÃES, DALESSANDRO, 2021, p. 26).

A população não tinha a capacidade crítica para diferenciar uma notícia verdadeira da falsa, causando um caos sobre remédios que seriam uma suposta salvação para o vírus, que máscaras faziam mal ao nosso corpo, que o Coronavírus não se passava de uma simples gripe, que o vírus era uma arma química, que vacinas poderiam causar sequelas graves no futuro ou até mesmo doenças. As *fake news* são complexas e possuem “forte apelo popular por conta de uma aparência de credibilidade, o que faz com que sejam disseminadas de forma rápida e em escala massiva” (GUIMARÃES, DALESSANDRO, 2021, p 29-30); isso dificulta ainda mais a sua identificação e o combate.

As *fake news* mostram-nos o quanto pensamentos são importantes, porque eles tornam-se ações; a consequência de pensamentos ignorantes na pandemia foram os mais de seiscentos e oitenta mil mortos. Guerras, massacres, regimes totalitários, todos começaram com pensamentos disfuncionais e ignorantes. Seria utopia dizer que a filosofia seria capaz de mudar o mundo, mas sem dúvida, ela seria capaz de transformar o pensamento de muitas pessoas contra as atrocidades e a ignorância.

É preciso munir de defesas essas pessoas já socialmente fragilizadas para que elas não sejam mais instrumentos do caos, que elas tenham condição de pensar, e sabemos que o pensamento, salva.

E que de fato, sejam sujeitos de aprendizagem e reconhecidos enquanto agentes de cultura posto que:

[...] vivemos a experiência de uma cultura que, se de um lado acelera os mecanismos sociais e pedagógicos da concorrência e da competição, a ponto de aos poucos transformar a própria educação em uma espera ansiosa de um exame vestibular inextinguível, de outro lado transforma competidores em assistentes ou praticantes de tarefas uniformes e fáceis, dentro de um mundo onde todas as coisas são pré-construídas, todas as questões antecipadas e todas as dificuldades pré-solucionadas. Entre homens que competem entre si, o próprio significado da diferença e da competição é tão barateado que, sob a aparência de que finalmente todas as pessoas podem fazer quase tudo, na prática, não se faz quase nada, produtiva e criadoramente (BRANDÃO, 1986, p. 122).

Considerações Finais

Conclui-se que a filosofia é parte fundamental na educação não somente na idade considerada tradicionalmente como adequada, como também na de jovens e adultos, pois ela desenvolve o pensamento crítico, amplia o repertório cultural do indivíduo, torna-o mais consciente de sua realidade, de suas responsabilidades, das decisões políticas. A filosofia auxilia o desenvolvimento pleno do homem, na contramão de um ensino exclusivamente tecnicista e racionalista. Assim, faz-se de grande importância a defesa de sua continuidade como disciplina obrigatória para os alunos, como forma de criação de seres conscientes e na manutenção da democracia.

Referências

ARISTÓTELES. **Os Pensadores – Aristóteles**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. 4ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1991. 2 v.

BRANDÃO, C. R. **A educação como cultura**. 2ª edição. São Paulo, Brasiliense, 1986.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 08/05/2022.

BUENO, S. F. **Adorno, o fascismo e o mal**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021.

COSTA, A. C.; ARAÚJO, M. A. de. Filosofia da cultura e educação: as implicações simbólicas e culturais regionais/locais na prática pedagógica escolar no contexto de uma escola em feira de Santana/BA. *In: XX Seminário de Iniciação Científica da UEFS*, 10, 2016, Feira de Santana. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/semic/article/view/3162>. Acesso em 15/07/2022.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Trad. Ruth Joffily e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

GARRUTI, S. Considerações sobre o ensino de filosofia em EJA. **Revista Intersaberes**, v. 9, n. 17, p. 32-44, 2014.

GUIMARÃES, J. A. C.; DALESSANDRO, R. C.. **As fake News em um contexto de pandemia pelo coronavírus**: categorização temática de notícias a partir de uma ferramenta de fact-checking. Informação em Pauta, Fortaleza, v. 6, n. especial, p. 24-44, dez. 2021.

NICODEMOS, A.; SERRA, E.; ALVES, A. C. O.; SILVA, H. D. S.
Prática Docente em Geografia e História no contexto do Programa Nova EJA – RJ. Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, v. 7, p. 1-24.

NIETZSCHE, F. W. **Assim falou Zaratustra.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SARTRE, J-P. **O existencialismo é um Humanismo; A imaginação; Questão de método.** São Paulo: Nova Cultural, Coleção Os Pensadores, 1987.

